

1615
S. BAKER, V. 22

BOLETIM DAS EDIÇÕES METANOIA

7P/383

BOLETIM ESPECIAL DEDICADO AO
PADRE MANUEL ALVES CORREIA,
FALECIDO A 23 DE NOVEMBRO
DE 1948

Esta reunião de artigos tem a intenção de mostrar alguns aspectos da sua personalidade, apreciados por amigos seus. Não foi nossa intenção reunir artigos segundo uma homogeneidade, mas pelo contrário, a partir duma variedade de pontos de vista mostrar amplamente a largueza do seu espírito.

COLABORAM NESTE BOLETIM

Padre Joaquim Alves Correia

Padre Joaquim Capela

Aquillino Ribeiro

Prof. Joaquim de Carvalho

Eng.º Cunha Leal

Dr. Reis Machado

António Sérgio.

NOTA — Dedicado ao P.^e M. Alves Correia saiu uma série de artigos escritos por padres da mesma Ordem — «Boletim Mensal das Missões Franciscanas», Jun. 49.

O TERRÍVEL IRMÃO QUE ME DESOPIOU A ALMA

por Joaquim Alves Correia

Foi pancada de atordoar a «carne fraca» a notícia, tão pouco esperada, do seu desaparecimento... Mas, se me visse entregar-me à intoxicação das lágrimas e da saudade, o Manuel, mesmo do Seio de Deus, era capaz de ser cruel comigo e de cauterizar com sarcasmo o meu amor chorão.

Também ele era capaz das mais intensas ternuras. Foi a sua emoção serenamente ardente que me revelou muitas páginas do Evangelho, que eu lera até ali como anodina prosa. Mas o pieguismo irritava-o, como simplicidade fingida, como cultura do tóxico, como planeada histeria a armar à lágrima.

O primeiro choque com aquele espírito forte, mas forte a valer, sem vaidade e sem jactância, foi ao encontrarmo-nos na casa paterna — ele de regresso de Roma, laureado, eu a sair dos cueiros dos preparatórios seminarescos, com a primeira bagagem da literatura de pagagaio e a primeira chave dos mistérios da metafísica, chave forjada num ano de silogismos, de jogo com aristotelicas categorias. Das letras trazia eu os primeiros frutos num poema delirante de Piedade e de patriotismo: piedade supostamente filial à Virgem Imaculada; patriotismo agressivo de quem está seguro de destinos eternos e invencíveis para o seu próprio Povo, o primeiro no mundo consagrado à vencedora de todas as heresias.

O censor ouviu-me declamar aqueles ritmos e rimas. Paciência verdadeiramente heróica, misturada de compaixão sincera, mas incapaz de dissimular a irritação, que lhe punha os nervos em sangue, cada vez que a devoção do poeta degenerava demais em orgulho de sectário, em ódio aos homens, disfarçado em patriotismo estreito e

Mas o Padre Manuel Alves Correia teimava em lobrigar em mim grandes qualidades. A morte, ao destruir a sua vida terrena, fez ganhar um santo ao céu e fez-me perder a mim um amigo.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1949.

O PADRE MANUEL ALVES CORREIA

por A. Reis Machado

Do longo convívio que tive com o Padre Manuel Alves Correia ficou-me a saudosa lembrança do seu olhar bom, vivo e profundo, brilhando invulgar intensidade no seu rosto asquelético (como todo ele) de frade medievo. Ficou-me a lembrança das suas conversas tradutoras do muita lucidez, de muito saber e duma vastíssima largueza humana, verdadeiramente cristã, bem em conformidade com os seus escritos tão altamente espirituais. Julgo especialmente encontrar a sua posição filosófico-religiosa e a vastidão e profundidade da sua cultura num trabalho por ele apresentado no segundo curso das Semanas Sociais portuguesas, de que transcrevo, como conclusão, o seguinte trecho:

O que nós podemos conceber de estável, é o nosso próprio espírito. *Cógiro, ergo sum*, dizia Santo Agostinho, dizia Descartes. O que nós concebemos de ser, concebemo-lo *ad intra nostri*. A concepção do Universo, como fundo de fenomenologia, é psicomúsica. Cada indivíduo da espécie humana é um *alter ego*. Onde quer que encontramos sensibilidade, entendemos que há ali alguma coisa parecida connosco.

A «consciencialização» — a palavra é grande, mas a ideia não é pequena — do género humano, ou o apelo da vida dos sentidos para a vida da consciência, é a característica da filosofia de Sócrates; e esta filosofia (Socráticas, Platónicas, Estóicas) criou o Direito, criou a Civilização. Este clarão... continua a alumiar o mundo.

A filosofia cristã ensinou-nos, a todos nós, que da contemplação das criaturas nos devemos elevar à ideia de Deus. Eu reinsisto em dizer que a criatura que mais facilmente nos pode prestar este obséquio é o nosso próprio espírito. E julgo não haver temeridade em trazer ao meu propósito e tomar como ditas à minha consciência as palavras de Jesus à «Samaritana»:

«Mulher, cre-me que é chegada a hora em que vós não adorareis o Pai nem neste monte nem em Jerusalém... Vem a hora, e agora é, quando os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade. Porque tais quer também o Pai, que sejam os que o adorem. Deus é espírito: e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram» (S. João, IV, 21, 23, 24).

E pois, em nosso espírito que nós mais adequadamente percebemos a relação entre o Criador e a criatura. E é no sentimento vivo desta relação que devemos considerar e meditar sobre o que nos foi revelado do destino do homem.

UM VERDADEIRO IRMÃO DO «JOGRAL DE DEUS»

por António Sérgio

Pode cobrar-se um conceito exacto do espírito de Manuel Alves Correia — dos mais angélicos e mais sagazes, dos mais compreensivos e penetrantes, dos mais graciosos e mais poéticos, dos mais humanos e franciscanos que nos seria possível fantasiar, — pela só leitura de quatro textos breves, que são os seguintes: dois dos escritos que nos deixou (o capítulo sobre o Cristianismo na versão portuguesa da *História das Religiões*, de Chantepie de la Saussaye, e o prefácio da tradução da *Odisseia*) e os dois testemunhos com que Cunha Leal e o Padre Joaquim Alves Correia contribuíram para o texto do presente opúsculo, que lhe consagram os editores de *Metanoia*.

Qualquer dos leitores dos citados textos, logrando por eles uma noção precisa da mentalidade franciscana do Padre Manuel, mede logo por aí a imensurável lonjura, o apartamento enormíssimo, a que o seu claro espírito de discípulo do Cristo se achava da maioria dos que se dão por católicos.

Pelo que toca em particular à atitude do intelecto, creio que o testemunho do Padre Joaquim é o mais expressivo e esclarecedor possível, dado que gravou com o mesmo traço enérgico a resplendente figura do retratado e o fundo de negrume sobre o qual releva. A união da agudeza e da probidade mental colocavam-no de pronto no contraste mais vivo com a imensa maioria dos publicistas devotos, costumeiramente atribuir a todos os pensadores modernos (cujas genuínas ideias não entrevêem sequer, não poderão nunca entrever) uma impalpável fumarada de pseudo-ideias simplórias, de palanfrórios sem nexos: e, por aquilo que do testemunho imediatamente se infere, foi essa caricatura das concepções nos Mestres o que no ensino seminário ao Padre Joaquim inculcaram, — e de que o liberton, felizmente, o oportuno conselho do seu nobre irmão. Essa deformação escurril das grandes concepções dos filósofos — essa burlaria, essa estúrdia, — costuma achar-se ligada, em tantíssimos dos homens, ao belicismo impetuoso, à ofensiva enérgica: é montar sobre a burrica, e esbordoar de cima os Descartes! Os Descartes, os Kantes... e de aí para baixo, a granel! Ao que parece, julgam isso o essencial de toda missão evangélica, o dever dos religiosos da fé do

amor e da paz. «Dou-vos a minha paz», disse o Cristo aos discípulos; vê-se, porém, que os fanáticos adoptaram lei germinal bem diversa, a saber: «ai vão, zumbindo, as zargunchadas todas da minha guerra!» Ah, que diferença infinita com o nosso Padre Manuel! Como encarnava o belo verso de Antero: «Razão, irmã do Amor e da Justiça!» Como esse nos convenia, pelo seu diáfano exemplo, de que a verdadeira inteligência é perdoadora e santa, e de que o entendimento das almas leva ao entendimento entre as almas! Como foi suave, atractivo, franciscano, cándido, nas suas relações com os incréus! (mas não estaria ele convencido, porventura, de que lá no fundo, bem fundo, ninguém é assim tão incréu?)... Sim, como nos encantava, nos seduzia, nos embevecia a todos — a alvorada deslumbradora da sua compreensão cristianíssima!

A probidade intelectual — de que o artigo de seu irmão nos dá a noção tão impressiva, tão sublinhada, tão gráfica, e que o levava ao empenho de entender muito bem os filósofos; a autenticidade do seu credo de verdadeiro cristão franciscano; a sua objectividade de pensamento, a sua capacidade de entender, — todos esses dons que se enfiavam na unidade luminosa da sua alma, ao defrontarem-se com a acuidade dos problemas sociais destes tempos (e era coisa de espantar o quanto tudo a ele o interessava; o quanto de tudo lia e estudava; e o muito que enxergava, aprofundava, abrangia, no labirinto enredado do viver dos homens, a universalidade sôfrega do seu grande espírito) inspiravam-lhe a atitude política de quem busca um Reino de Deus cá no Mundo; aquele prático cristianismo, todo justiceiro e revolucionário; o seu amplo democratismo, que se filiava também no *Poverello*; o amor da liberdade, da igualdade, da fraternidade, do bem social; a busca intermina da perfeição intrínseca nas relações quotidianas entre as criaturas de Deus, — atitude cívica cujo plano de fundo, cuja raiz histórica, se encontram explanados com clareza extrema numa parte do artigo de Cunha Leal.

Eis o varão de inteligência; eis o homem cívico. Em si, nenhum desses aspectos do Padre Manuel pressupõe o religioso franciscano; porém, pressupunham o religioso franciscano os matizes particulares que assumiam nele, tais como nós todos os conhecemos.

Quem ler o capítulo sobre o Cristianismo apenso a *História das Religiões*, e a que logo de princípio me reporte, poderá fazer uma observação interessante sobre o

§ 4 de tal capítulo, que diz respeito à *Noção de Deus*. Em matéria de provas da existência de Deus, limita-se ao chamado «argumento ontológico». Certo é que a *Crítica da Razão Pura* demonstrara que os outros pressupõem esse: não foi só por isso, todavia, que se limitou a ele o nosso grande Amigo. Na esteira de Kant, não lhe reconhece valia estritamente lógica. Como então? É que o admite tão só pelo valor *afectivo* que lhe confere a ideia do Ser Perfeito, quando dada ao anseio de perfeição moral que nós próprios encontramos na nossa alma. Não o toma pois pelo peso lógico, senão que pelo mérito sentimental que assume, encarado do ângulo da affectividade pura. A verdadeira prova da existência de Deus é afinal o *gosto* que nos dá a nós, como almas que anseiam pela perfeição moral, a ideia da existência do Ser Perfeito, garantia da legitimidade desse mesmo anseio. A fonte da religiosidade está para ele no Cristo, porque «ninguém conheceu o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quis revelar, para que fossem perfeitos como o Pai Celeste é perfeito». Cristo como revelador da Perfeição moral; Cristo como pregador do aperfeiçoamento moral, satisfazendo o anseio de perfeição da alma: eis aí, ao que me quer parecer, o foco da religião do nosso Padre Manuel.

Atente o leitor nestes dois trechos seguintes, que me aparecem a mim como os essenciais:

«Com os profetas, com os *Livros Sapienciais*, e, particularmente, nos *Salmos*, o ideal religioso eleva-se, aclara-se, purifica-se, mas as noções religiosas ministradas pela leitura do *Antigo Testamento* não passam de esboços, comparadas com a luz divina que Jesus transfundiu na consciência humana, porque na verdade *ninguém conheceu o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quis revelar, para que fossem perfeitos como o Pai Celeste é perfeito*... (os itálicos são do autor).

«Dizem que este arrazoado, ou outro pelo mesmo teor, chamado *prova ontológica*, é falho de nervo na esgrima silogística e nada vale como prova da existência de Deus. Mas «provas», ao menos em português, segundo os bons dicionários da língua, significa «o acto de experimentar o paladar». Na ordem de considerações dentro do espírito religioso, esta *prova* cale como a *prova* delicioso do vinho da verdade, alegria do espírito, gozo da alma com a noção da Divindade, introduzida na consciência humana pelas palavras de Jesus: «Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito».

É esta maneira de colocar o problema, e de o exprimir em palavras, que me parece que sabe a S. Francisco de Assis, e ser própria de um companheiro do «Jogral de Deus», para quem a prova vale como alegria do espírito, como gozo da alma com a noção do Divino.

De S. Francisco de Assis escrevi eu

algures que com ele ressuscitaram numa consciência cristã certos tons característicos na sensibilidade helénica, e que a sua atitude para com os irmãos animais reproduzia a dos epigramas da *Antologia grega*, — fenómeno excepcional na tradição cristã. Ora, essa mesma consonância com a sensibilidade grega encontrei-a eu de continuo no nosso Padre Manuel. Todos sabemos que foi um grande helenista; disse, porém, coisa alguma se poderia concluir para o caso, porque muitos dos que sabem miudamente o grego bem pouco se ornamentam de mentalidade helénica, — como succedeu com Unamuno, que confessava que quinze anos de professorado de grego só lhe haviam servido para lhe confirmar de vez o profundo anti-helenismo do seu próprio espirito; porém, do Padre Manuel, muitíssimo ao invés, eu diria que se dedicara à literatura grega porque ele próprio era ático na sua estrutura mental. Releia-se o prefácio que antepôs à *Odisseia*; considere-se o entusiasmo, a jocosidade, a *verve*, com que traduziu a *Batalha de Ratos e Batráquios* no volume dos *Poemetos e fragmentos* de Homero (ou, antes, que se

atribuíram a Homero). ; Pois não são mistos louçainhos de franciscanismo e aticismo, e obras características de um «jogral de Deus» que proviesse da linhagem dos Tucídides e dos Lísias? Nas páginas levíssimas do prefácio à *Odisseia*, a erudição oculta-se sob roupagens leves, e esvoaça e ondula, subtil e aérea, sorri de si mesma, de si mesma brinca, só vê contos de fadas nos «erros de Ulisses», e queda-se embevecida perante as afeições do erradio, — «a riqueza de inteligência e abundância de coração que transparecem dos diálogos de Odisseus e Penélopeia, de Odisseus e Telémaco, de Odisseus e Laertes, de Penélopeia e Telémaco»... Na mente cristianíssima do nosso Padre Manuel, o misticismo profundo, a erudição consumada, o anseio de perfeição (basilar no seu animo) e o entusiasmo de combatente pela justiça social, — tudo isso se apresentava como juvenil e alado, e tudo isso com a leveza, o sorriso, a graça, a suave candidez de inspiração poética que caracterizavam o espirito de S. Francisco de Assis.

CADERNOS GRANDES PÁGINAS CRISTÃS

CADERNOS PUBLICADOS:

- 1 — BOA NOVA — Giovanni Papini (esg.).
- 2 — MENSAGEM DE S. FRANCISCO — Textos dos séc. XIII e XIV.
- 3 — FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES EM TRENTO — Frei Luís de Sousa (esg.).
- 4 — BOA NOVA — Giovanni Papini (2.^a ed. esg.).
- 5 — ESPÍRITO QUE NOS MOVE — P.^e Joaquim Alves Correia.
- 6 — CONVERSA NO MONTE — São Mateus.
- 7 — AMOR E LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA — São João.
- 8 e 9 — O IDEAL CRISTÃO — P.^e Joaquim Alves Correia (esg.).
- 10 — A SENHORA POBREZA — P.^e Manuel Alves Correia (esg.).
- 11 — ESTOU NO MEIO DE VÓS COMO UM QUE SERVE — São Bernardo (esg.).
- 12 — RENOVAÇÃO — Erasmo.
- 13 — QUEM DIZ ESTAR NELE DEVE ANDAR COMO ELE ANDOU — Irmãos da Vida Comum.
- 14 — OS PRIMEIROS CRISTÃOS E O IMPÉRIO — Textos do séc. III.
- 15 e 16 — CRENÇA NA RENOVAÇÃO DA TERRA — S. Tomás Moro.

E X P L I C A Ç Ã O

Terminando a IV série com a publicação do Boletim especial (além do caderno de textos do séc. III, e do caderno *duplo* de S. Tomás Moro), começaremos brevemente uma nova série e uma nova cobrança. O motivo desta proximidade de cobranças, é devido ao facto de muitos assinantes se retirarem para férias. Assim evitaremos despesas escusadas.

Não voltaremos a fazer qualquer cobrança até Outubro, podendo todos os assinantes receber regularmente a nova série. (Poderemos enviar os cadernos para morada em férias, desde que no-la comuniquem).

V SÉRIE DE CADERNOS:

- 17 — TOLERANCIA — Padre Fleury
- 18-19 — A CONSCIÊNCIA CRISTÃ — Padre Joaquim Alves Correia
- 20 — SOBRE AS RIQUEZAS — Frei Heitor Pinto

INTENÇÃO DOS CADERNOS

Têm estas selecções a finalidade de introduzir ao pensamento dos discípulos